

# Comitês decretam guerra na Baixada

Por 1,6 milhão de votos, coordenadores de campanha aprovam hostilidade e espionagem

ADRIANA BARSOTTI  
e MARA ZIRAVELLO

Por volta das 14 horas do dia 9 de agosto, em frente à Câmara Municipal de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, um grupo de 40 brizolistas aguardava a passagem da caravana de Fernando Collor de Mello (PRN) para uma manifestação de repúdio. Na calçada, o vereador Abdul Haikal (PDT) distribuía cartazes do candidato Leonel Brizola. Começou aí uma hostilidade que terminou em pancadaria assim que Collor passou pelas ruas de Niterói — e em guerra declarada a todos os adversários que não pensam num possível apoio a Brizola no segundo turno das eleições.

"Só estava estimulando um pouco a manifestação democrática", justificou o vereador, tido como xiita por suas posições radicais, e xiita de fato, orgulhoso em exibir uma medalha de Alá, o deus do islamismo. Inimigo político do prefeito Hydekel de Freitas — genro de Tenório Cavalcanti, o "homem

da capa preta" (veja reportagem ao lado) —, o vereador Haikal cumpria, no dia 9, apenas parte de um pacto: o de receber bem os candidatos tidos como de esquerda, e só os de esquerda.

O pacto foi feito em Nova Iguaçu, maior município da região, por integrantes do PDT, PT, PCB e PC do B. "Mas estamos abertos ao PMDB e ao PSDB também", destacou Ananias Batista do Nascimento, secretário municipal da Promoção Social e presidente do PDT. Eles discutiram a união dos partidos para a última etapa das eleições, mas esqueceram de orientar a militância sobre como se comportar durante as visitas da "oposição". "Não queremos animosidade", garantiu Ananias.

Collor voltou à Baixada na semana passada, para visitar os municípios de Nova Iguaçu e São João do Meriti. Desta vez, porém, evitou a campanha de rua. Apoiado pelo empresário José Távora, coordenador da candidatura em Nova Iguaçu, e pelo prefeito José Amorim (PDC), de São João do Meriti, o candidato permaneceu a portas fechadas. Saiu uma vez para ir à Associação Brasileira de Ensino Universitário, no distrito de Belford Roxo, e foi atacado por cerca de 30 brizolistas, como sempre armados com cartazes de Brizola. Com Guilherme Afif

Domingos (PL) a reação não foi diferente. Há 15 dias, seu discurso de cinco minutos foi abafado pelo som do próprio caminhão em que estava: os técnicos aumentaram o volume do "Juntos chegaremos lá" para esconder as vaias e as aclamações a Brizola.

Esta semana é a vez de Paulo Maluf (PDS). Na esperança de que o espírito carnavalesco do fluminense seja mais forte que o espírito de luta, Maluf pediu à diretoria da Escola de Samba Beija-Flor, uma das maiores do Rio, que a bateria fosse recebê-lo. "E ela vai", assegurou Anísio Abraão David, presidente da escola e um dos maiores banqueiros do jogo-do-bicho no Estado. Primo do prefeito de Nilópolis, Jorge David (PFL) — que aderiu a Collor —, Anísio afirmou que não vai se deixar influenciar pelo voto da família. "Se eu estiver aqui, claro que vou receber Paulo Maluf", garantiu sem retirar uma dúvida: se vai para provocar o candidato do PDS que vem associando Brizola à contravenção ou se o objetivo é declarar mesmo seu apoio.

## VIAGEM DE GRAÇA

A guerra na Baixada, porém, não é só de nervos. Numa região onde vivem 2,6 milhões de pessoas (ou 1,6 milhões de vo-

tos) concentradas em 1.200 quilômetros quadrados, o que não falta é gente disposta a bisbilhotar a vida dos outros. De um lado estão os "soldados da renovação", como o presidente do PRN de Nova Iguaçu, Wilson Pontes, define os militantes do partido. De outro, os brizolistas, ainda encantados com os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), encravados pelo governo Brizola em cidades onde a maioria das crianças de 7 a 14 anos ainda é analfabeta.

Durante a visita de Collor, os simpatizantes não fotografaram só o dono da festa. Fizeram questão de fotografar também os brizolistas que viajavam o candidato. Numa das fotos cedidas a Wilson Pontes, um "amigo" identificou duas pessoas que colocaram fogo num pôster de Collor: Rubens de Lima Filho (ex-diretor da empresa de limpeza de Nova Iguaçu) e seu assessor Ademir Seabra — dois pedetistas. "mas tem até marginal que é brizolista", afirmou Pontes, sem se lembrar que a Constituição deu a prerrogativa de voto até aos marginais recolhidos às penitenciárias.

Na segunda-feira passada, um brizolista que passava diante do comitê de Collor, na Rua Nelson Ramos, coçou os olhos para ler melhor um cartaz que dizia: "Comício em Belo Horizonte. Confirmar até dia 20 — grátis: passagem, almoço e jantar. Saída dia 21". Sem pestanejar, foi direto ao fórum, onde está instalada a sala do juiz Pedro Diniz Pereira, coordenador da propaganda eleitoral do município. "Adverti pessoas do PRN sobre o teor ilegal do cartaz e mandei que o tirassem de lá", explicou o juiz, baseado no Código Eleitoral, artigo 299, que proíbe oferecer vantagens com o intuito de angariar votos.

Entre os quatro municípios da Baixada Fluminense, São João do Meriti ainda tem uma aparência tranqüila no que diz respeito às disputas eleitorais. Mas é só a aparência, retratada num palanque de 16 metros quadrados instalado na Praça da Matriz pelo prefeito José Amorim para receber qualquer candidato. "Inclusive o Brizola", garantiu. A briga, mesmo, está na Justiça. Amorim já moveu quatro processos referentes ao abuso do poder econômico e corrupção contra o ex-prefeito pedetista José Cláudio da Silva. Em 85, Amorim liderava as pesquisas até o dia em que Brizola fez um comício na cidade. José Cláudio ganhou.

## O mapa da mina

Com 1,6 milhão de eleitores, a Baixada Fluminense, hoje dominada por brizolistas é um território cobido por todos os candidatos

